7.º ANNO — 11 DE DEZEMBRO DE 1884 — NUMERO 4

O Progresso Catholico

AO DECIMO QUINTO CENTENAARIO DE S. DAMASO

PRIMEIRO PONTIFICE PORTUGUEZ

O BERÇO DE S. DAMAZO

Ditosa patria que tal filho teve.
Lusiad.

Da Historia no campo vai rija contenda;
De glorias da Patria o amor a accendeu:
De Damaso o berço quem ha que pertenda?
—«Eu, diz Guimarães, sua patria sou eu»—

«Em ruinas me vejo, mas fique-me salva
Bem salva essa gloria», Citania clamou.
«Tal gloria é só minha, protesta Pedralva,
Sou pobre, mas patria de Damaso sou».

Alem surge a Beira de glorias c'roada,
Que gloria tam grande recusa perder.
Que Damaso a lympha bebeu do Alpreada
Idanha recorda com vivo prazer.

E' nobre ciume... é justo que vibre
Nas terras variadas do meu Portugal,
Pois Roma pertende nas margens do Tibre
Que a Damaso dera seu berço natal.

E' nobre ciume... é um preito sincero
E em Damaso ha gloria p'ra todos honrar.
Se septe cidades disputam Humero,
Que valem Homeros de Damaso a par!

Mas é a Guimarães que na illustre demanda
O genio da gloria fagueiro sorri
Cidade gentil, Tradição veneranda
Gravou em teus fastos: Seu berço é aqui.

C. S.

O PAPA S. DAMASO

S. DAMASO, cujo retracto hoje damos, por ser o 15.º centenario do seu fallecimento, foi um dos mais sabios e zelosos pontifices que occuparam a Cadeira de S. Pedro nos primeiros seculos da Egreja. E, além d'isso, assignalou-se por sua eminente santidade.

Basta para seu elogio o que d'elle diz S. Jeronymo, contemporaneo e secretario do grande Pontifice, pois chama-lhe *Vir egregius et eruditus in Scripturas, et virgo Ecclesiae virginis doctor.* Estas palavras, proferidas pelo austero eremita de Belem, equivalem aos mais dilatados elogios.

O concilio ecumenico de Chalcedonia, celebrado no seculo V, diz que Damaso fôra *ornamento* e *gloria de Roma:* e o celebre Theodoreto, historiador do mesmo seculo diz que «este Pontifice se tornou illustre por sua santa vida, que era cheio de zelo, e nada omittiu em defensa da doutrina apostolica».

E, pois, S. Damaso um dos mais famosos varões, se não o mais famoso, que nasceram em terra portugueza, antes que Portugal tivesse existencia independente; e, segundo a mais provavel opinião, viu a luz em Guimarães, não no sitio em que hoje existe esta cidade, mas em outro proximo.

Que o nosso glorioso Pontifice seja natural de Guimarães, ou da antiga Guimarães, o affirmam constantemente varios escriptores nacionaes e estrangeiros, ainda que alguns com pouco fundamento, disseram que nascera em Idanha; e outros, com nenhum fundamento, e á força de estiradas conjecturas, pretenderam que Madrid fôra sua patria.

A maioria dos historiadores e hagiographos concorda em que S. Damaso foi natural da peninsula hispanica; e entre os estrangeiros que o dão nascido em Guimarães, mencionaremos Ilhescas, Vasseu, Morales, Padilha, Hazert, Boudin e outros muitos.

Floresceu este santo varão no seculo VI, cingindo a tiara pontificia por espaço de 18 annos, que foram outros tantos annos de lucta contra o erro e o scisma, de defensa dos principios catholicos, e do exercicio das mais eminentes virtudes que devem exornar um Pontifice da Egreja de Deus.

Poucas são as glorias patrias que assim podemos exaltar com 1:500 annos de brilho inalteravel e de culto universal. E, por isso, com justa rasão, celebramos hoje o 15.º centenario da morte do grande homem que no seculo IV presidiu á Egreja universal, e que teve por berço a cidade de Guimarães, berço tambem do primeiro rei portuguez.

A Egreja de Braga, a cuja archidiocese pertence a cidade de Guimarães, conserva ainda esta tradição, que é quasi geralmente abraçada por todo o reino.

E muito embora outras povoações disputem porfiadamente a Guimarães a gloria de serem a patria de S. Damaso, a cidade, que foi a terra natal de D. Affonso Henriques, tem, mais que nenhuma outra, titulos fortissimos para lhe chamar seu patricio. Nasceu no anno de 304.

Partindo, ainda joven, para Roma, tornou-se na capital do mundo catholico um verdadeiro assombro de sciencia, de piedade, de todas as virtudes. O Pontifice Liberio lhe foi summamente affeiçoado, ordenando-o diacono, e depois presbytero.

Por causa do desterro que teve para Thracia o santo Pontifice Liberio, em 359, foi nomeado Damaso para governar a Egreja de Deus como seu vigario; e conseguiu reconciliar com a Egreja muitos bispos que, por suggestões ou receio do poder, tinham adherido ás determinações do pseudo-synodo de Syrmium.

Logo que em 24 de setembro de 366 falleceu S. Liberio, o clero e o povo romano, conhecedores das grandes virtudes e talentos que sobresahiam em Damaso, solemnemente o elevaram ao throno apostolico, sendo sagrado no primeiro domingo de outubrò.

Foram tempestuosos os primeiros dias do seu pontificado, não só pelas ardis e cavillosas machinações de seus inimigos, mas ainda pelo scisma de Ursicino que pretendeu usurpar a cadeira pontificia.

De tudo triumphou o nosso S. Damaso, pela sua virtude e consummada sciencia. As mesmas auctoridades imperiaes tomaram o partido de Damaso contra o ambicioso anti-papa Ursicino, e a sua eleição foi por todos reconhecida valida e canonica, sendo condemnados os scismaticos.

Esteve S. Damaso sentado na cadeira de S. Pedro até o anno de 384, fallecendo a 11 do mez de dezembro.

Em um Pontifical que se guarda na bibliotheca do Vaticano, segundo refere Antonio Merenda, se diz que, desejando ardentemente o Papa S. Damaso unir-se com Jesus Christo, de repente foi atacado de febre, e, recebendo os ultimos sacramentos, levantou as mãos e os olhos ao céo, expirando tranquillamente.

Corajoso e energico confessor da fé christã, seria S. Damaso um dos seus mais intrepidos martyres, se o imperio romano, depois de Constantino Magno ter subido ao solio, se não tivesse curvado perante a Cruz victoriosa.

Foi este glorioso e santo Pontifice que restabeleceu, ou ao menos fez reparar, a egreja de S. Lourenço, situada em Rôma junto ao theatro de Pompeu. Ainda hoje se denomina a egreja de S. Lourenço *in Damaso.*

Elle ornou de epitaphios em verso os tumulos d'um grande numero de martyres nos cemiterios; introduziu o costume de se cantar o *Gloria Patri* no fim de cada psalmo, e fez com que S. Jeronymo traduzisse o Novo Testamento em latim do texto grego.

O pouco tempo que lhe restava do governo da Egreja, gastava-o em levantar á sciencia e ás lettras monumentos immorredouros, deixando varias epistolas e tratados sobre materias religiosas. S. Jeronymo com rasão o conta entre os grandes escriptores ecclesiasticos do seu tempo.

No tempo de S. Damaso floresceram muitos e notaveis doutores da Egreja e escriptores que assim illustraram o seu pontificado.

Entre elles merecem especial menção os seguintes: Santo Agostinho; Santo Ambrosio; S. Basilio; S. Cyrillo de Jerusalem; Santo Epiphanio; S. Gregorio Nazianzeno; S. Gregorio Nysseno; Santo Athanasio; S. Jeronymo; Santo Eusebio de Vercelli; S. Petronio; Santo Amphilochio de Geonia; Santo Arsenio, abbade; S. Macario; S. Martinho de Tours; S. Valeriano de Aquilea; Santo Ascolo de Thessalonica; Santo Ephrem Syro; Santo Eulogio; Santo Hilario de Poitiers; S. João Chrysostomo; Santo Onaphrio; S. Paciano de Barcelona; Lactancio Firmiano; Arnobio e outros.

No tempo d'este sapientissimo e santissimo Pontifice subiu a auctoridade e magestade do Papa a tão alto grau de reputação, que Pretextato, illustrissimo romano, e que ainda professava o paganismo, lhe dizia por graça (como conta Santo Agostinho): *Fazei-me Bispo de Roma, e logo serei christão.*

Querem alguns que S. Damaso foi o primeiro que empregou nos diplomas pontificios, depois do seu nome, as palavras *Servus servorum Dei*, sendo certo que depois de S. Gregorio Magno todos os Papas as teem adoptado.

Nos ultimos annos do seu pontificado foi celebrado o concilio ecumenico de Constantinopla, onde se confirmou a doutrina de Nicea e se condemnou Macedonio e outros hereges.

S. Damaso confirmou este concilio, e o imperador Theodosio, o Grande, ordenou por lei que todos os seus subditos seguissem a religião professada pelo Bispo de Roma.

Archetypo de angelicas virtudes, assim honrou em grau sublime a nossa patria e illustrou a Egreja de Deus tão digno varão, que, como já dissemos, falleceu em 11 de dezembro de 384, com 80 annos de edade.

Gloria á Egreja!
Gloria a Portugal!
Gloria a Guimarães!
Gloria a S. Damaso!

P.e João Vieira Neves Castro da Cruz.

SALVÈ GUIMARÃES!

Commemorar, grandiosamente, remota e gloriosa data que illustra, ennobrece e exalça uma cidade e seus arrabaldes, não só é uma brilhante pagina de historia que se desenrola á contemplação de todo o mundo civilisado, mas tambem um dever sacratissimo.

Guimarães, pois, cidade que se ufana de ser o berço de varões celebres e distinctos nas artes, nas armas e nas sciencias, daria ensejo ás mais asperas censuras se hoje não relembrasse, com o maior fulgor, a nacionaes e estrangeiros, o beatifico passamento d'um Pontifice Romano que muito e muito engrandece e nobilita a famosa patria de Affonso Henriques.

Essas censuras, porém, jámais soffrerá Guimarães.

Eil-a, a cidade nobilissima, pomposa e cheia de jubilo, a proclamar bem alto que a gloria de solemnisar este dia é unicamente sua e de mais ninguem.

SALVÉ GUIMARÃES!

Associo-me, com indisivel *gosto*, á tua esplendida manifestação catholica, porque, sobre eu ser um indigno ministro da Religião Santissima do Crucificado, sou portuguez; e se o facto que hoje commemoras muito te sublima, tambem exalta a todos os *fieis* portuguezs!

Mas porque te vestes de gala e enches de enthusiasmo? Porque?

Ah! Tu dizes-me que celebras hoje o 15.º centenario d'Aquelle a quem embalaste, e que, no decurso de dezasete annos, manejou, sabia e intrepidamente, o pesado leme da Barca de Pedro? D'Aquelle que escolheu para secretario a S. Jeronymo, mandando-lhe fazer a versão da Biblia que a Egreja adopta—a *Vulgata*? D'Aquelle que, congregando alguns synodos, combateu e condemnou os *macedonios*, os *arianos*, os apolinaristas e outros hereges que muito angustiavam a Esposa de Jesus Christo? (1) D'Aquelle que, ácerca do rito e disciplina ecclesiastica, fez varias disposições? (2) D'Aquelle que mandou construir, em Roma, a basilica de S.

(1) No pontificado de S. Damaso, no anno de 381, foi convocado o 1.º concilio Constantinopolitano, 2.º ecumenico ou geral, onde se reuniram 150 bispos catholicos e 36 macedonianos ou semiarianos, todos do Oriente.

Parece, á primeira vista, que este concilio, por não ter a convocação dos bispos do Occidente, nem lhe presidir S. Damaso, não devia ser contado no numero dos ecumenicos ou geraes, mas sómente ser considerado como um concilio do Oriente. Mas não; o Romano Pontifice e todos os bispos do Occidente se conformaram com tudo aquillo que n'elle foi ratificado e condemnado. E' por isso que elle é considerado, pela Egreja, o 2.º dos ecumenicos.

N'este concilio foi confirmada a fé de Nicéa, condemnada a heresia de Macedonio, e accrescentadas ao symbolo as palavras que enunciam a divindade do Espirito Santo.

(2) Determinou o Pontifice S. Damaso que o celebrante fizesse a *Confissão* antes de principiar a missa, que n'ella se cantasse o *Credo*, que se dissesse a *Alleluia* em todo o anno (o que até alli se fazia só no tempo paschal) que os *Psalmos* fossem entoados alternadamente, e que cada um d'elles finalisasse pela *Gloria Patri*.

Lourenço (3) e, fóra de Roma, a de S. Sebastião, e acabar a das Santas Rufina e Secunda, que havia sido encetada no tempo de Julio I? D'Aquelle que se tornou notavel por seus escriptos, tanto em prosa, como em verso? (4) D'Aquelle que, durante o tempo do seu pontificado, teve a dita de ver resplandecer os grandes luzeiros da Egreja—Santo Ambrosio, arcebispo de Milão, Santo Agostinho, bispo de Hypponia, na Africa, S. Cyrillo, bispo de Jerusalem, S. Basilio Magno e S. Gregorio Nazianzeno?

Ah! Tu dizes-me isto?

SALVÉ GUIMARÃES!

(3) Esta basilica, para onde foram transportadas as reliquias de S. Damaso, é hoje chamada de S. Lourenço *in Damaso*.

(4) S. Damaso escreveu «alguns opusculos, e uns 40 epigrammas, inscripções, e epitaphios em verso, que recopilaram Baronio e Grutero». S. Jeronymo louva os opusculos de S. Damaso e o muito engenho que elle tinha em compôr versos.

Que o Pontifice, teu conterraneo, que ha 1:500 annos passou d'esta vida, era dotado de muita erudição, attesta-o S. Jeronymo, denominando-o—*Vir egregius et eruditus*.

Que elle, adornado de todas as virtudes, abandonou o mundo voando para o céo, dil-o hoje a Egreja—*Iste est, qui ante Deum magnas virtutes operatus est..... Iste est, qui contempsit vitam mundi, et pervenit ad coelestia regna*.

GLORIA A S. DAMASO!
GLORIA A GUIMARÃES!
GLORIA A PORTUGAL!

Padim da Graça—1884.

P.e Joaquim José Soares.

SUMMARIO

BERÇO DE S. DAMASO, poesia, por C. S.; O PAPA S. DAMASO, pelo P.e João Vieira Neves Castro da Cruz; SALVÉ GUIMARÃES, pelo P.e Joaquim José Soares.—SECÇÃO RELIGIOSA: *Mintamos sempre!* pelo P.e Senna Freitas.—SECÇÃO HISTORICA: *Para a historia das nossas missões ultramarinas*, pelo P.e João Gomes Ferreira; *O Seminario de Lamego*, pelo Abbade Pedro Augusto Ferreira.—SECÇÃO CRITICA: *A proposito das Portarias*, pelo P.e E. A. M.;—*Coisas! Coisas!* por um leitor de gazetas.—SECÇÃO LITTERARIA: *Gracia, ou a christã do Japão*, versão do P.e Lima.—SECÇÃO ILLUSTRADA: *I O Papa S. Damaso; II Basilica de S. João de Latrão*, por R.—RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas.

SECÇÃO RELIGIOSA

Mintamos sempre!

Uma boa parte dos adversarios do catholicismo teem contra nós uma vantagem incontestavel, posto que bem triste e por isso mesmo bem pouco invejavel, é a de manejarem a arma vil da *calumnia*. Nós outros não podemos fazel-o. Prohibe-nol'o Deus, a consciencia, a religião que professamos. Julgar-nos-hiamos infames desde o dia em qne manejassemos semelhante arma.

Para a *consciencia* d'elles e segundo a escola a que pertencem, todas as armas são brancas, todos os processos são licitos, todos os expedientes admissiveis, todos os meios viaveis e santos, com tanto que consigam o alvo a que miram, qual é o de desvirtuar a religião, e o de promover assim a sua ruina total.

Sabido é que este deploravel systema teve por primeiro apostolo Nicolau Machiavel no seu livro do *Principe*, e por mais celebre inoculador e applicador mr. d'Arouet, vulgo Voltaire, que aconselhava aos seus amigos e correligionarios—«mintamos sempre, que alguma cousa ha de ficar».

Infelicissima é a causa que só pela mentira pode ser sustentada, e verdadeira é a religião que só por aquella pode ser aggredida. De facto, por muito profunda que seja a repugnancia que me causa a famosa maxima voltaireana, acho-a digna de applauso, proferida pelos labios impudentes de Voltaire; a mentira é realmente o processo mais digno, e o instrumento unico idoneo de perseguir o catholicismo, suprema expressão da verdade religiosa. Taes aggressões honram-no. Só cobrem de opprobrio os que as empregam.

A *clique* posthuma do auctor da *Pucella* acceitou o legado do mestre, como um oraculo estrategico, e ha cem annos que o applica desfaçada ou hypocritamente com resultados por vezes, ainda mal, efficazes para as massas inscientes. Ha cem annos que a Igreja de Jesus Christo é o objectivo dos tiros traiçoeiros d'essa catapulta infame, chamada a calumnia. A descendencia de Arouet tem laborado na faina improba e funesta de desflorar a Historia no que ella encerra de grandioso e de honorifico para o catholicismo, de deturpar os factos, de envenenar as licções gloriosas da antiga mestra da sociedade. Refizeram a Historia com os novos processos, disciplinaram-n'a a seu modo, profanaram o labio incorruptivel d'essa matrona austera e obrigaram-n'a a mentir em proveito dos fins sinistros que animam a Revolução contra o catholicismo. Do que lhes pareceu fizeram lenda, da lenda fizeram mytho, do mytho, quando lhes conveio, fizeram chronica authentica e indiscutivel. Atrelaram os factos aos principios que advogam, em vez de deduzirem os principios dos factos; portanto violentaram-os, e o conde de Maistre tinha perfeitamente razão quando definia a Historia fabricada pelo seculo XIX, «uma larga conspiração contra a verdade». Uma prestidigitação completa, menos innocente e mais habil que as de Herman.

Haja vista o prestidigitador Draper e antes d'elle o prestidigitador Guiciardini.

O que no livro se executou em relação ás epochas e ao passado, no jornal executou-se e executa-se em relação aos individuos e ao presente. Ha um homem cuja illustração e cuja actividade religiosa incommoda, venha a calumnia e mate-se esse homem pela mentira. Ha uma classe cujos serviços constantes ou cujo prestigio contraminam a acção perfida da Revolução no seu plano nihilista, dêse cabo da classe, ou, pelo menos, empreguem-se todos os esforços para desprestigial-a, pela mesma arma ignobil.

Ninguem ignora que esta classe é o clero.

O clero tem-se tornado, de ha muito, a mira favorita, a *delenda Chartago* dos voltaireanos de pé normal e de pé reduzido, que proejam o alvo desgraçado e impossivel de descatholisar a sociedade e de fazer cessar de vez a soberania social de Jesus Christo.

A verdade palpitante do que asseveró corre as ruas, á força de trivial. Qual é um dos intuitos capitaes, senão talvez o capital, dos papelejos sordidos, que se intitulam, o *Seculo*, a *Folha do Povo*, a *Semana de Loyola*, a *Folha Nova*? A infamação do clero pelo processo da calumnia. Odeiam de morte o christianismo. Se não o odeiassem não odeiariam os seus ministros, mesmo apezar dos seus escuros, ora atacam-os e atacam-os systematica e obstinadamente, com a tenção infernal de os cobrir de opprobrio, *coute qui coute*.

Não venho aqui entonar-me em panegyrista fanatico do sacerdocio, não pretendo por forma alguma sustentar que elle esteja sempre innocente das indiciações e das querellas de que possa ser alvo uma ou outra vez; não, não nego as suas defecções parciaes, nem levarei a ingenuidade a ponto de affirmar que tenha sempre sabido manter-se na altura proeminente do dever e da sublime dignidade de que foi investido. As suas quedas, infelizmente, não podem dizer-se raras, pelo menos em Portugal. Existem defecções, para as quaes nem houve a attenuante de procurarem a sombra para se realisarem; existem defecções que nos proprios seculares seriam crimes. Querem mais lealdade e franqueza? Mas o que não é toleravel é a soffreguidão de as assoalharem pela imprensa, de as aggravarem, e inclusivamente de as forjarem, por isso que as reaes não bastam. O que não tolero, o que declaro ser injustissimo é o pretender imputar-se á classe sacerdotal toda a culpabilidade dos seus graves desvarios. E's tu mesma, sociedade iniqua, que o estygmatisas, a cumplice dos delictos ou das faltas que lhe assacas com uma tonalidade sarcastica e triumphante, e com uma sanha tão satanicamente cruel

Heroico mais que o martyrio do cavalete e da trempe é que, além do onus enormissimo, embora nobre, da lei ecclesiastica que o enjaula no celibato por toda a vida, o clero tenha ainda que conservar-se illeso e intemerato no meio das immensas seducções, a das enervantes alliciações de todo o genero, multiplicadas pelo sybaritismo dos nossos costumes actuaes. E esse sybaritismo, e esses costumes, e essa synthese de fascinações és tu mesma, que queres que o clero possua para si só o privilegio da incombustibilidade do amianto! E a final, se elle ousa affirmar a sua possibilidade sobrenatural, tu sorris incredula e apressas-te a acoimal-o de hypocrita.

Mas perguntarei, que lucra a opinião publica com a propagação ou com a notoriedade dos escandalos do clero? Ignora ella que existem ignominias das portas da Igreja a dentro, nos ministros do altar, argamassados do barro mais quebradiço, como é o barro humano? Ignora ella que a religião é e será sempre incomparavelmente melhor do que os seus levitas? que estes não gosam da impeccabilidade, apanagio exclusivo do Ser Supremo? Que ninguem ha que não seja vulneravel, embora apenas no calcanhar, como Achilles? que a classe ecclesiastica offerece, como todas as outras classes, com a porção sã e pura que a nobilita, a amalgama negra dos vicios, das paixões vergonhosas, das quedas deploraveis que inquinam a outra porção? A que mira, pois, a publicação obstinada, truanesca, espectaculosa, dos flagicios do padre? A que balisa apontam estes jograes, estes *clowns* da imprensa, que se chamam a *Folha do Povo* & C.ª? A inocularem nos espiritos dos simples, dos desillustrados, n'uma palavra do pobre do Zé-Povinho, o desprezo entranhado do padre, porque, desprestigiado e abandonado este, desprestigiada e abandonada será a religião, cuja é sustentaculo. Ora como os escandalos não se multiplicam tão abundantemente como os cogumelos em terreno humido, ou como os agriões nas margens dos córregos, inventam-os ou forjam-os na fabrica de Voltaire e congeneres. Imagine-se que acabados artigos de industria não sahirão d'essa velha fabrica que desde a Encyclopedia ainda não póz escriptos

(Conclue).

P.º Senna Freitas.

SECÇÃO HISTORICA

Para a historia das nossas missões ultramarinas

Continuado do n.º 1

Voltando pois a Macau em Maio de 1876, propoz esta medida, como de impreterivel necessidade, em um relatorio que apresentou ainda ao Rev.mo Governador do Bispado Manoel Lourenço de Gouveia, o qual, de combinação com o Ex.mo Governador Geral da Provincia, providenciou logo para que fosse dada passagem até Goa, aos Padres que se achavam em Timor, pertencentes áquella possessão, nomeando ao mesmo tempo seu Vigario Geral interino o R. Carlos Gonçalves dos Santos, que já havia ficado em Dilli encarregado dos negocios ecclesiasticos. Mezes depois (dezembro do mesmo anno) chegava a Macau o Ex.mo Bispo D. Manoel Ennes acompanhado de 5 missionarios do Real Seminario das missões ultramarinas, já designados para virem missionar em Timor juntamente com mais alguns que para o mesmo fim tinham chegado a Macau no anno antecedente. Foi então que o mesmo Ex.mo Prelado, com o fim nobilissimo de propagar a religião catholica e de prepetuar o nome portuguez entre os povos da Oceania, e visto e pensado o relatorio do Rev.mo Visitador Medeiros, approvou definitivamente a fundação das novas missões de Timor, e incumbiu o mesmo Rev.mo Medeiros de realizar tão gloriosa como difficil empreza, nomeando o seu Vigario Geral, particular, e Superior das mesmas missões, e dando-lhe para esse fim 7 missionarios europeus e um chinez.

2.º O Rev.mo Medeiros acceitando a honrosa commissão de vir fundar as novas missões de Timor, começou por fazer a acquisição de tudo quanto julgou necessario e em harmonia com o cofre das *missões na China*. Imagens, quadros, paramentos sagrados, lustres, mobilias e muitos outros objectos, na importancia de cerca de 4:000$000 rs. tudo apromptou em poucos mezes. Pelo que, sendo mandado aprestar um navio por conta do estado, n'elle embarcaram os missionarios aos 10 de abril da 1877, e no mesmo dia se fizeram á vela para Timor, onde chegaram aos 2 de junho seguinte com 53 dias de tormentosa viagem. A esse tempo já o Revd.º Padre Carlos dos Santos havia comprado para residencia da missão uma pequena casa com quintal em Lahane, a 2 kilometros de Dilli. Foi n'ella que se acommodaram a principio os missionarios, que eram ao todo nove, e cujos nomes aqui mencionarei. Eram os seguintes:

Vigario Geral e Superior o Rev.mo Antonio Joaquim de Medeiros; missionarios os Revd.os Carlos Ferreira Baptista, Sebastião Maria Apparicio da Silva, Manoel Maria Alves da Silva, José Antonio Pires, Francisco Xavier de Mello, Francisco Pedro Gonçalves, Manoel José Branco e Francisco Leang (este chinez e os outros europeus).

Não tardou porém que se fizesse a distribuição d'elles pelos pontos mais importantes da ilha. A 5 de julho partiam para oeste dois missionarios, o Rd.º P.º Pires para Batugadé e o Revd.º P.º Xavier de Mello para Ocussi: e pouco depois seguiam tambem, para leste o Revd.º P.º Alves, sendo-lhe fixado a residencia principal em Manatuto, e

para Lacluta, no centro da ilha, o Revd.º P.º Sebastião Apparicio.

Escusado será dizer que foram grandes os trabalhos e muitas as privações porque passaram estes missionarios até conseguirem installar-se definitivamente em casas suas que elles tiveram de fazer. A principio uns habitaram em pequenas choupanas improvisadas á sua chegada, outros hospedaram-se na residencia dos commandantes militares.

Em Dilli, além do Rev.mo Vigario Geral, ficaram os seguintes:

O Revd.º Carlos Ferreira Baptista, Parocho de Dilli.

O Revd.º Francisco Pedro Gonçalves, Parocho de Bidau e Hera e coadjutor do Parocho de Dilli.

O Revd.º Manoel José Branco, Parocho de Montael e Professor d'instrucção primaria em Dilli.

O Revd.º Francisco Leang, encarregado de catechisar os chinas e dar escola aos mesmos.

Havia ainda um missionario indigena, o Revd.º Jacol dos Reis e Cunha, que foi considerado missionario ambulante nos reinos da Costa do Sul, como ainda hoje é, tendo a sua residencia, ora em Luca, ora em Allas, segundo as necessidades do serviço. Assim se deu principio ás novas missões de Timor, ficando definitivamente estabelecidas, em 1877, cinco, pela forma indicada no seguinte quadro, que para maior clareza e precisão tomo a liberdade de aqui mesmo apresentar.

	Disignação das missões	*Missionarios*	*Terras da sua jurisdicção*	*Linguas predominantes*	*n.º approximado d'almas*
1.º	Missão central de Dilli	Antonio J. de Medeiros, Vigario Geral. Carlos Ferreira Baptista Francisco P. Gonçalves Manoel J Branco Francisco Leang	Dilli capital Bidau arrabaldes de Dilli Montael reino Hera reino	Tetum e o Gallole	25:000
2.º	Missão de Batugadé	José Antonio Pires	Batugadé e os reinos visinhos== Cóvá Sanir, Balivó e Cetubaba	O Quemacem Sanir e cutubava e o Tetum nos outros	19;000
3.º	Missão de Ocussi	Francisco X. de Mello	Os reinos de Ocussi e Ambens e a jurisdicção Noimuiti	O vaqueno	32:000
4.º	Missão de Manatuto	Manoel Maria Alves da Silva	Os reinos de Manatuto, Ladó, Lalei e Venasse	O Gollole	8:000 afora as jurisdicções
5.º	Misssão de Lacluta	Sebastião Maria Apparicio da Silva	Os reinos de Lacluta e Ditor. Barique, Viqueque, Bibiçusso e Samoro	O Tetum	20:000 afora as jurisdicções
6.º	Missão da Costa do Sal	Jacob. dos R. e Cunha	Os restantes reinos da Costa do Sul	O Tetum	

Cada uma das sobreditas missões foi montada do mais indispensavel para se poder exercer o culto com decencia, e bem assim de todos os livros necessarios para o registo ecclesiastico, sendo desde então que este serviço começou a correr com a maxima regularidade que é possivel em missões. Aos missionarios do interior foram dadas por escripto instrucções estabelecendo-selhes n'ellas dois pontos principaes==*estudar a lingua do paiz, e dar aula de instrucção primaria.*==Segundo as mesmas instrucções (que ainda vigoram) são os missionarios obrigados tambem a enviar de 3 em 3 mezes um relatorio ao Vigario geral, em que mencionem os trabalhos empregados e os resultados obtidos.

III

Resultados, progressos e desenvolvimento das missões

1.º A principio o serviço dos missionarios quasi que se limitava á escola primaria; mas á proporção que se fôram familiarisando com a lingua do paiz assim fôram tambem pondo em acção o seu zelo e actividade na predica e catechese, vendo coroados os seus esforços de optimos e brilhantes resultados como consta do archivo geral d'estas missões.

Grande era a reluctancia da parte dos indigenas em mandarem instruir seus filhos, mas a boa vontade e o zelo dos missionarios triumpharam d'essas difficuldades a ponto de elles conseguirem ter na escola um numero relativamente consideravel de alumnos. A escola primaria de Dilli regida pelo Rev.º P.º Branco foi frequentada por 135 alumnos; a de Manatuto teve 53; a de Lacluta 16, regulando pelo mesmo numero a de Batugadé: e a de Occussi chegou a ter perto de 30. Isto nos primeiros annos.

2.º Sendo muitos os resultados obtidos por esta forma, não correspondiam com tudo aos esforços empregados, principalmente pela circumstancia de os alumnos abandonarem a escola apenas soubessem lêr mal, e escrever uma carta em portuguez estragado e quasi inintelligivel. Por esta razão, e tambem porque para civilisar um povo é preciso não só instruil-o, mas educal-o, não só illustrar intelligencias, mas tambem formar corações, inspirando-lhes sentimentos elevados, o Rev.mo Vigario Geral, Medeiros, emprehendeu desde logo novos melhoramentos nas missões, tendentes a esse duplo fim.

No anno de 1879 fundou dois collegios de educação em Dilli, um para o sexo masculino e outro para o sexo feminino; o primeiro dirigido por missionarios, e o segundo por algumas senhoras religiosas, que se dedicavam á educação das meninas pobres em Macau, e a quem o Exc.mo Prelado convidou para virem auxiliar estas missões. De passagem direi que a vinda para Timor d'estas senhoras, verdadeiras heroinas da caridade christã, foi providenciada e auxiliada pelo Snr. Bispo de Macau de combinação com o exc.mo governador geral da provincia Carlos Eugenio Correia da Silva, que houve por bem nomear uma d'ellas professora regia, e a todas deu passagem a bordo d'um transporte do governo. Fundados pois os dois collegios, o do

-sexo masculino na residencia dos missionarios em Lahane, e o do feminino dentro da cidade em casa alugada, por não haver ainda edificio proprio, foram logo admittidos n'aquelle vinte alumnos internos, não sendo mais por não haver espaço para elles: mas para o do sexo feminino difficilmente se conseguiram educandas; porque, como diziam os proprios indigenas, era contrario a todos os usos e costumes de Timor o educar e instruir a mulher; sendo muito para notar que onde se encontrou maior opposição foi em moradores da capital!

Havia porém então tuteladas do governo, das quaes algumas, por ordem do exc.mo governador do districto, foram matriculadas na escola como externas, e outras, as de menos edade, foram entregues á missão para serem educadas como alumnas internas.

Das missões do interior tambem foram mandadas para o novo collegio algumas meninas, filhas de regulos e de outras pessoas principaes; e isto muito contribuiu para que os moradores de Dilli se fossem despindo dos preconceitos antigos e dessem tambem as suas filhas para educar.

P.e João Gomes Ferreira

Vigario Geral e Superior das missões de Timor.

(Continúa).

O Seminario de Lamego

Achamos tão interessante o seguinte artigo, que encontramos no *Affonso Henriques*, nosso collega de Lamego, e é elle tão honroso para o venerando Prelado lamecense e para outras pessoas dignas, que não podemos deixar de transcrevel-o.

Fazemol-o, pois, com a devida venia:

ANNIVERSARIO DA RESTAURAÇÃO DO SEMINARIO EPISCOPAL DE LAMEGO

Snr. redactor.

Permitta-me V. Ex.ª que da minha obscuridade avive aos lamecenses uma data bem digna de especial commemoração—o *dia 7 de novembro de 1859*—dia em que de novo se inaugurou *com grande pompa* a *abertura do Seminario* d'essa cidade, incendiado em a noite de 11 para 12 de maio de 1834.

Foi o snr. D. José de Moura Coutinho, da nobre casa de Telhô, em Arnoia de Basto, ao tempo bispo benemerito de Lamego, quem o fez restaurar, *em grande parte a expensas suas*, dando-se por bem pago de todos os sacrificios com a satisfação de o ver de novo funccionando.

Presidiu S. Ex.ª á grande festa. No largo do Rocio formou com a respectiva banda o regimento d'infanteria n.º 9 e assistiu a esta festividade tudo o que em Lamego havia de mais distincto: auctoridades, clero, nobreza e povo e o humilde auctor d'estas linhas na qualidade de professor de Instituições Canonicas e Direito Ecclesiastico.

Já lá vão 25 annos!...

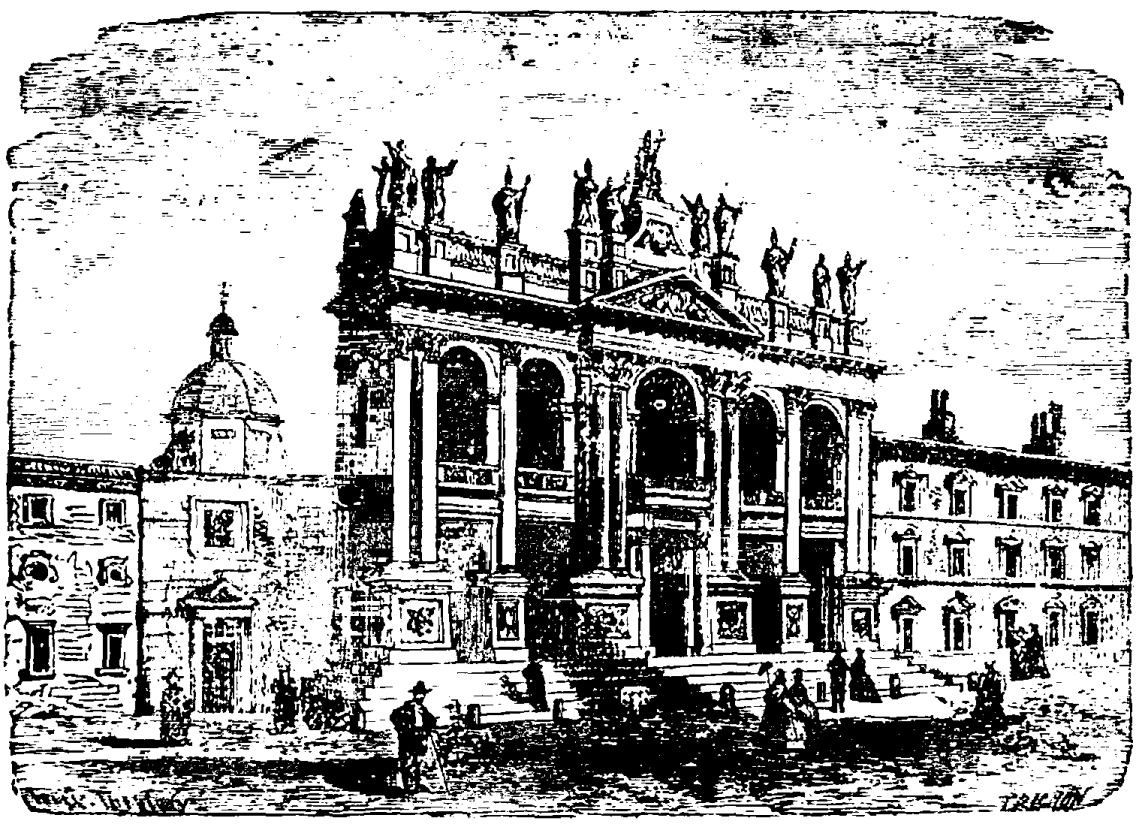
Foi um facto de grande alcance para essa diocese e para essa cidade e que muito contribuiu para a conservação d'esse bispado.

Do grande incendio apenas restavam as paredes denegridas, e as aulas funccionavam *em uma das lojas do paço* episcopal,—em quanto que hoje é um dos primeiros Seminarios do nosso paiz pela sua vastidão e elegancia architectonica, pela belleza de sua espaçosa cerca muito bem agricultada, pelo aceio de todo o edificio e pelo zelo do revd.º Conego Placido Augusto de Moura e Vasconcellos, seu digno vice-reitor ha 25 annos—ou desde a data em que de *novo se abriu tão importante* estabelecimento scientifico.

N'elle se educam hoje 86 ordinandos, sendo gratuitos 50,—todos *internos*, além de muitos outros externos.

O ceu cubra de gloria o seu inclito restaurador, um dos bispos mais illustrados e virtuosos *que teem* occupado a vetusta e veneranda Sé de Lamego, —o snr. D. José de Moura Coutinho, de quem recebi todas as ordens e finezas que jámais olvidarei.

Agora o snr. D. Antonio da Trindade, venerando successor e digno emulo do snr. D. José de Moura Coutinho,



A BASILICA DE S. JOÃO DE LATRÃO EM ROMA

continúa a escrever, brilhantemente, as paginas d'oiro da historia d'este notavel estabelecimento scientifico,—promovendo a instrucção e a moralidade dos aspirantes ao sacerdocio, e alargando a capacidade de tão formoso Seminario para conter o maior *numero* de alumnos que se destinam a ser o *sal da terra e a luz do mundo*.

Porto e Miragaya, 5 de novembro de 1884.

O Abbade

Pedro Augusto Ferreira.

SECÇÃO CRITICA

A proposito das portarias

AGORA que o espirito da maior parte dos portuguezes está preoccupado com o *inclito* proceder dos nossos ministros, que se arvoraram em censores dos nobres prelados portuguezes, que tiveram o *atrevimento* de publicarem e fazerem allusões á sabia e brilhantissima Encyclica do nosso S. Padre o Papa Leão XIII—*Humanum genus*—que passará á historia como o—martello da maçonaria—não devem os catholicos, que se presam de tal nome, e que não se pejam de seguir os preceitos d'uma religião que tanto ennobreceu a nação portugueza,—a Religião Catholica, Apostolica e Romana, deixar de protestar contra essas iniquas censuras e mostrar que a grande maioria de Portugal é filha submissa da Egreja e que no espiritual não reconhece outra auctoridade além da do Pontifice Romano e dos Bispos em communhão com Elle; devem conhecer que os nossos governos só tratam de nos opprimir, desprestigiar o clero e difficultar o exercicio legitimo das auctoridades ecclesiasticas.

As ideias dominantes em quasi toda a Europa tendem á negação total da fé, divinisando o homem e apeando Deus de seu throno; Portugal não fica atraz das outras nações; com tendencias para tudo macaquiar, vae ponde em pratica o que tem feito a França; e porquê? porque quem manda tanto em França como em Portugal é só unica e exclusivamente a maçonaria. De nada valem as concordatas; tudo o que fingem fazer no sentido d'uma conciliação com o Chefe Supremo da Santa Egreja é só para occultar suas tramas e lançar poeira aos olhos dos que creem, que, feitas concordatas entre o Estado e a Egreja, mudará para melhor o estado das cousas; mas qual o valor d'essas concordatas mostra-nol-o o grande escriptor francez Mons. Gaume no seu livro intitulado—*Aonde vamos?*

O que este sabio escriptor diz a respeito de França, podemol-o applicar com pequenissimas alterações a respeito dos governos, que por nossa infelicidade nos administram de ha annos para cá. Ouçamol-o e ponhamos de parte tudo o que nos tem occupado até'qui, que algum proveito tiraremos, gregos e troyanos meditem o que se segue, que todos sairemos mais fortes para mostrarmos, que somos filhos submissos da Egreja, unidos todos pelo mesmo vinculo da fé.

Diz Gaume: «Obrigados pelas «circumstancias, os governos rogaram á Egreja o seu auxilio; propozeram-lhe allianças; os factos, «porém, hão provado que não obravam com sinceridades. Similhantes a estes libertinos perdidos «que se inculcam virtuosos para «obter a mão de uma piedosa e «rica herdeira, que maltratam no «dia seguinte ao das nupcias, e «cuja fortuna esbanjam: assim «elles, apenas alcançaram a adhesão da Egreja, rasgaram as concordatas e de novo lhe fizeram «sentir sua pressão. Ahi temos a «historia para o attestar. Foi sempre como auxiliar e não como «rainha, como instrumento governamental, e não como elemento «necessario da sociedade, como «meio, e não como fim, que os «Estados, eivados do racionalismo, «chamaram a Egreja em seu soccorro.

«Hoje mesmo, como todos vêmos, qual é o modo porque lhe «fallam em toda a Europa, pela «voz insultante de seu proceder? «*Precisamos de ti, dá-nos teu auxilio, mas com a condição de que só «farás o que permittirmos. Precisamos de teu Chefe Supremo, e invocamos sua cooperação; mas com a «condição de que não poderá fallar «directamente nem aos povos, nem «aos bispos. Precisamos de teus «bispos e de sua coadjuração; mas «com a condição de que, só com nossa intervenção, se poderão correspondercom o Summo Pontifice; «de que não poderão convocar suas «assembleas synodaes para se occuparem com seus sacerdotes das necessidades locaes das dioceses: de «que nada poderão escrever que vá «de encontro ás nossas pretenções; «e, convencidos que sejam d'um só «d'estes aggravos, soffrerão as REPREHENSÕES de nosso ministro dos «cultos*, (cá em Portugal é o Ti «Lopo) *ou serão obrigados a comparecer ante o conselho d'Estado, «e, apesar do Papa, que approva «seus actos, e da consciencia que os «absolve, serão declarados reus de «abuso.*»

Eis o que agora dizem tambem os nossos ministros. Um peito em que pulse um coração de catholico não póde soffrer que assim se avilte o que ha de mais sagrado na terra: é o cumulo do aviltamento!

Catholicos! ávante, acordemos por uma vez do lethargo em que até'gora jazemos; repellamos a affronta, que nos foi lançada ás faces pelos mações portuguezes! Se nos calarmos seremos apontados á posteridade como cobardes e indignos do nome de catholicos, que é a nossa maior gloria, o nosso brazão!!!

10—11—84.

P.e *E. A. M.*

Coisas! Coisas!

O governo portuguez intima os Bispos para que não publiquem as determinações de S. S. sem a approvação do mesmo governo; e na Russia, um Bispo, Mgr. Gintowt, faz saber a todo o clero de sua diocese, que todas as ordens do governo, com respeito a cousas religiosas, as não tornem publicas sem que sejam approvadas pela auctoridade ecclesiastica, por elle, Arcebispo de Mohilew.

Quem dera á Russia ministros como o snr. Lopo Vaz e o snr. das Chagas, com as suas portarias, que são verdadeiras chagas! Por cá é que não carecemos de Mgr. Gintowt, porque tambem temos Bispos da tempera do Prelado russo.

E ainda bem que assim acontece para que não tenhamos de ver, depois que as santas chagas foram tiradas das moedas, umas *Chagas* sem serem santas, mettidas nas cousas religiosas, sem o beneplacito do Papa. Os snrs. Lopo e Chagas é que, para fallarem aos Bispos, teem de pedir auctorisação a S. Santidade, porque é quem governa nos Bispos, e a cujas determinações elles obedecem.

Este snr. Chagas, depois de deixar de escrever folhetins para os jornaes de dez reis, arvorado em mestre dos Bispos, tem uma graça que, francamente, faz rir as pedras; sem serem, já se vê, as das nossas fortalezas do Ultramar, que sua *sa-*

piencia excellentissima deixa desmoronar, sem d'isso se importar.

—A noticia que vamos dar aos nossos leitores vae, de certo, levar o descontentamento ao coração fidelissimo de S. M. El-Rei o Snr. D. Luiz I, e certissimamente temos portaria em que o Snr. Lopo Vaz mostre o real desagrado; mas, tenham paciencia, a noticia ahi vae, porque é importante n'estes tempos que atravessamos.

A Ex.ma Snr.ª D. Maria Henriqueta de Sousa da Silva Alcoforado, da nobre casa da Silva, em Barcellos, fez ha dias uma festividade a S. Bento, padroeiro da capella de casa. Foi festa explendida, a que assistiram os muito revd.mos snrs. Arcipreste do julgado de Barcellos, P.e João Baptista da Silva, e os parochos de Creixomil, Silva, Villa Boa, Villa Cova e Roriz, sendo este ultimo o orador.

Até aqui tudo vae bem, e nos regios paços não pode haver descontentamento; mas o peior é o que vae seguir-se, que transcrevemos do nosso collega o «Tirocinio». Ora leiam:

«Ao *dessert* do jantar, que havia *commencement* ás 4 horas da tarde, levantaram-se enthusiasticos brindes. Primeiramente, brindou a snr.ª D. Maria Henriqueta, pela conservação do Summo Pontifice, cujas virtudes engrandeceu, e mostrou o muito que os inimigos da Egreja tem feito para arrazar o grande edificio, construido pelo pobre pescador da Galilea; appellou para os clerigos que rodeavam a s. exc.ª, supplicando-lhes que se unissem, para combater os inimigos da religião santa».

Nós, como catholico applaudimos do fundo d'alma o brinde levantado pela nobilissima senhora, mas o snr. Lopo Vaz é que não deixará passar o caso sem *portaria* por que o brinde, levantado pela distinctissima fidalga não foi, antes, submettido á approvação do rei—não tem o *beneplacito*. E o snr. Lopo Vaz não é homem que deixe impune um attentado contra as *prerogativas* da coroa.....

—E já que em maré de dar noticias nos achamos, não devemos perder a occasião sem dar a seguinte que o nosso esclarecido collega de Bombain *A India Catholica* nos dá acerca das eleições em Portugal. Leia-se e fique-se sabendo o que são entre nós as eleições:

«Isso de eleições é em Portugal um completo ludibrio, é uma hypocrisia governamental a mais desvergonhada, a capa que encobre o monstro de tyrania e despotismo. E a julgar do modo como foram realizadas neste anno, melhor seria riscar o processo eleitoral, que desencadeia tão desastrosas tempestades sobre o povo innocente. Se a liberdade do voto electivo não merece respeito, se o governo pode calcar sob os pés as leis do paiz, seria mais airoso que elle mesmo, rasgando o codigo das leis, nomeasse independentemente os deputados e compozesse as camaras, dos que lhe são affeitos, do que cumprir as formalidades exteriores causando tantos escandalos e atrocidades, que denuncião claramente ao mundo illustrado a corrupção moral e desmoralização politica que lavrão no paiz, roendo o machinismo administrativo».

—O nosso esclarecido collega o *Commercio do Minho*, publica o seguinte, firmado pelo distincto escriptor o R.mo Snr. P.e João Vieira Neves Castro da Cruz.

«—O «Progresso Catholico», falfando da portaria do snr. ministro do reino que mandou suspender a impressão d'um compendio de Theologia Dogmatica do dr. Eduardo Nunes, por tratar de *dogmas* que não obtiveram o *beneplacito regio*, diz o seguinte:

«Nada de condemnar o ministro que já achou a *Carta* quando chegou á cadeira ministerial; o que sim devemos condemnar é a propria carta, que tira aos catholicos o direito de obedecer aos decretos do Vigario de Jesus Christo. E' por isto que nós não morremos de amores pela tal *Carta*, que acatariamos se ella se não opposesse ás leis da Egreja.»

Apoiado. Mas ha por ahi certos *conciliadores* que julgam a tal *Carta* como muito catholica, e que talvez são capazes de a adorar como um presente mandado do céo!»

Este bocadinho sempre o offerecemos a um certo *ordeiro*, que nós parece ser só inimigo dos ministros, e que não quer saber da *Carta*. Será elle dos taes *conciliadores capazes de adorar* a tal *Carta como um prezente mandado do céo?*

Se o não é parece-o bem, benza-o Deus!

—O seguinte *suelto* é offerta nossa aos amigos do snr. Pidal, ministro do Snr. D. Affonso XII, pela graça de *Deos*, rei das *Hespanhas*. Leia-se:

«S. Ex.ª Rev.ma o Sr. Bispo de Avila, publicou uma energica pastoral condemnando as blasfemias de um membro da Universidade Central, o snr. Marayta, lidas officialmente pelo mesmo snr. ao inaugurar-se o presente curso academico, e officialmente distribuidos em folheto aos alumnos premiados, pelo ministro que presidiu á festa, o snr. Pidal».

Já veem os amigos do snr. Pidal, do ministro do rei D. Affonso XII, que S. Ex.ª, embora com cheiro de catholico, distribuiu á mocidade academica, como premio, um folheto, que foi condemnado pelo sabio Bispo da patria de Santa Thereza de Jesus.

Se houver duvida, e mais algo for necessario pôr na *carta*, nós, quando d'isso tivermos conhecimento, publicaremos um pouco da mencionada pastoral.

Um leitor de gazetas.

SECÇÃO LITTERARIA

GRACIA

OU

A CHRISTÃ DO JAPÃO

Capitulo VIII

Uma esperança imprevista

Ficou Gracia maravilhada, tanto do enthusiasmo com que seu marido lhe pintava o caracter do capitão de guardas, como do effeito que n'este havia produzido a nova de uma perseguição contra os christãos.

—De modo, disse a princeza referindo-se a estes, que essa gente em vez de temer a morte, deseja-a.

—Parece que sim, porque Justo não sabe mentir, nem é possivel que tentasse enganar-me.

—Logo, se pospoem os bens da terra, e até a propria vida á sua religião, preciso e forçoso é, que tenham muita fé n'ella, e que acreditem em outra vida, na qual se lhes pague e se lhes retribua o que soffrem e padecem n'esta.

—Foi exactamente o que me disse Justo, acrescentando, que não é muito que elles deem sua vida por seu Deus, quando Este morreu para salval-os.

—Mas que loucura é essa? exclamou a philosopha pagã sem poder conter-se; um Deus morto pelos homens? Em nenhum dos meus livros li nunca cousa assim, nem que se lhe assimilhasse.

—E' porque ignoras, que o Christo, de quem tomam o nome, é segundo elles, Deus, e homem ao mesmo tempo.

—Nunca fiz caso, nem me dei ao trabalho de estudar a doutrina dos christãos por consideral-a indigna de exame, porém agora convences-me de que é muito mais absurda, do que se me afigurava, que já não era pouco.

—E todavia essa doutrina propala-se tanto pelo Japão, que acabará por dominar sobre todas, se não nos propomos violentamente impedil-o. O que n'ella mais me prende a attenção é, que tanto a adoptam os principes como os escravos, os bonzos que teem gasto sua vida estudando, como as creanças e mulheres que não sabem lêr. Os principes de Bungo, Arimia e Omura são christãos ha annos e enviaram uma embaixada ao grande pontifice de sua seita em Roma: muitos bonzos teem abandonado os deuses para associar-se aos europeus de traje negro, e na Corte e no exercito e em todas as partes surgem christãos aos milhares. Creio que ha n'esta seita algo de encantamente, quando a tantos seduz e a todos deixa contentes.

Não podes imaginar, sem primeiro os ter visto o que sejam os taes christãos.

—Pois que! não são como os demais homens?

—No exterior parecem-se com os demais, mas no interior não. Tenho observado em muitos que conheço, que sempre estão contentes e que até as penas os alegram e as recebem e aceitam com jubilo. Já vi apalear a um e em vez de queixar-se agradecia ao que assim o maltratava: vi outro, que ao perder seu filho, em vez de chorar, dizia: Deus m'o deu, Deus m'o tirou, seja Deus bemdito; e tenho presenciado tantas e tantas extravagancias d'estas, que não sei como explical-as pelos sentimentos humanos.

—E. Justo não te tem explicado essas contradicções? disse Gracia com viva curiosidade.

—Ora se tem: mas suas razões não me tem convencido, nem feito mais que irritar-me. Ainda no ultimo dia que nos vimos me esteve elle falando de uma cousa, que elles chamam quasi como o teu nome, Gracia, e que é uma especie de força, que lhes concede seu Deus para vencer as tendencias da natureza humana, elevar-se sobre os outros homens e participar em certo modo da divindade. Com a graça dizem elles, que se transformam, que de maus se tornam bons, de cobardes valorosos, de impacientes soffridos, e que com ella adquirem taes forças e virtudes, que os meninos pensam e discorrem melhor, que os homens, adquirem as mulheres mais fortaleza e valor que os soldados, e os jovens mais prudencia que os adultos. Emfim, que todos sobem e se elevam a um grau de perfeição maior, que o que se pode alcançar por longos e aturados estudos, vigilias e trabalhos.

A princeza, que ouviu com grande attenção as palavras de seu marido ficou um momento pensativa, e voltando-se para Jecundono como se houvesse feito uma grande descoberta, lhe disse:

—E' de sobra o que me dizes para ficar sabendo que essa gente ha de ser muito ambiciosa e ha de olhar com grande desprezo aos que não tenham a graça, que tanto estimam e que tanto encarecem, porque os consideram mui inferiores aos que a teem.

—Parece que assim devia ser, mas como n'elles se não veem senão contradições succede o contrario, porque dizem que todos somos irmãos, que todos devemos ajudar-nos e que para dar a graça aos que a não teem vieram da Europa seus bonzos e estão dispostos a morrer.

—Creio que vieram, mas foi enriquecer-se á nossa custa.

—Isso posso affiançar-te que não, porque alguns d'elles comem tão pouco e tão mal, que parece incrivel poderem viver, e de mais a mais fazem voto de pobreza.

—Visto isso, disse a princeza, fazendo um rapido resumo do que tinha ouvido, os christãos, apezar de se julgarem uns semi-deuses, são humildes, carinhosos e pobres e direi até felizes; pois com toda minha philosophia te juro, Jecundono, que não entendo, nem creio que elles mesmos se entendam.

—Nem eu tambem, mas sempre te direi, para que te entretenhas a combinar suas doutrinas, que elles affirmam, que o amor de Deus os faz supportar com gosto os trabalhos e que o padecer por Deus é a fonte de sua felicidade.

A princeza ficou um pouco pensativa ao ouvir esta phrase, porque n'ella encontrou um principio philosophico, sufficiente para explicar-lhe o que pouco antes não entendia. Com a força de intuição, que a distinguia, deduziu admiraveis consequencias de tão fecundo principio, e ante sua vista se mostraram os christãos como pessoas que amavam a seu Deus mais, do que as mães amam a seus filhos. Ella, que era mãe e que idolatrava muito seus filhos sabia quantas e quão difficeis cousas poderia fazer pelo amôr que lhes professava. Sabia, que por elles perderia bens, posição, riquezas, saude e até a vida: porque não haveria pois homens, que fizessem por amor de Deus o que ella faria por amôr a seus filhos?

Ao pensar nos christãos viu a princeza, que se harmonisavam bem seu coração e sua mente, pois esta nenhuma repugnancia sentia para o que aquelle a impellia: comprehendendo, porém, muito bem, que o principio philosophico de que partiam era bello e commovedor, ainda assim negava-se a consideral-o como verdadeiro. «Amar a Deus, repetia, soffrer por seu amôr é mui bello, mas para isso é preciso, é indispensavel crêr n'Elle. Os christãos crêem, pobre gente! bem se vê que teem estudado pouco e que muito pouco teem lido, visto que ainda guardam e seguem taes ideas! E comtudo, comprehendo sua felicidade, porque me parece, que se eu crêsse em Deus seria mais feliz, e não duvido até que chegasse a amal-o!»

Em resumo, os christãos inspiraram á princeza compaixão e lastima, porque, como era dotada de um coração em extremo bondoso, sentiu que gente, que segundo Jecundonó possuia taes virtudes, estivesse a ponto de ser proscripta e perseguida pelos idolatras, que ao seu parecer, viviam tão enganados e illudidos como elles em doutrinas, e peiores que elles em costumes. A princeza, que os conhecia a fundo, sabia que Faxiba e todos os senhores da sua côrte, bem como os mesmos bonzos, viviam entregues á corrupção e aos vicios mais atrozes, o que contrastava inteiramente com a vida que publica e particularmente levavam os christãos.

Isto suscitou em Gracia um grande desejo de conhecel-os e estudal-os a fundo e obrigou-a a fallar com Mirka a respeito d'elles e sobre o meio e o modo de vêr algum. Mas como realisal-o, se estava como aprisionada pelos terriveis zelos de seu marido? Confiando na discrição de Mirka, encarregou-a, visto que ia com Jecundono a Osaka, de averiguar se entre a creadagem, que alli tinha, haveria algum christão ou alguem que os conhecesse, pois a haviam informado, que em Osaka eram mais numerosos que em Tango. A travéssa Mirka acceitou e prometteu realisar o encargo com toda a possivel circumspecção, pois o interesse que manifestava a princeza despertou n'ella uma curiosidade tamanha e um desejo tão vivo de conhecel-os, que se propoz procural-os com verdadeiro afinco. Suas pesquisas, porém, foram infructuosas e baldadas, e ao fim de tres dias Mirka, que havia feito a toda a creadagem directa e indirectamente todo o genero de perguntas, convenceu-se de que nenhuma das cincoenta pessoas, que formavam o sequito de Jecundono sabia uma palavra ácerca dos christãos, nem nenhuma relação haviam entabolado nunca com elles.

(Continua.)

Versão do P.e Lima.

SECÇÃO ILLUSTRADA

I

O Papa S. Damaso

Vejam-se as primeiras paginas d'este numero.

II

Basilica de S. João de Latrão em Roma

A Redacção do «Progresso Catholico» consagrando o presente numero á memoria do vimaranense illustre o Papa S. Damaso, não podia deixar de dar em gravura um dos principaes monumentos da Roma christã, coevo do Pontificado do primeiro Papa portuguez.

Escolheu a Basilica de S. João de Latrão, gravura não conhecida ainda dos nossos leitores, a primeira das basilicas de Roma, onde o mundo pagão se curvou aos pés da Cruz, onde Constantino, imperador romano se fez catholico, e onde por espaço de onze seculos habitaram os Vigarios de Jesus Christo, e alli iam os Pontifices tomar posse da alta dignidade a que eram elevados.

Foi, pois, em S. João de Latrão que S. Damaso tomou posse da Egreja de Jesus Christo, e onde residiu durante o seu glorioso Pontificado.

A nossa gravura representa admiravelmente a grandiosa Basilica, e a descripção da mesma acha-se a paginas 276 do vol. 5.º e 6 e 17 do vol. 6.º para onde dirigimos nossos leitores, livrando-nos de repetir o que então se publicára.

R.

RETROSPECTO DA QUINZENA

NÃO foi fertil esta quinzena em visitantes ao nosso escriptorio. Poucos, muito poucos visitantes, o que não admira, que o tempo não vae para passeios. Regela-se nos mais bem confortados aposentos, quanto mais nas estradas desabridas do nosso Minho. Ainda assim tivemos visitas e visitas que estimamos e que annunciamos, embora esta *regalia* seja permittida só aos assignantes do «Progresso Catholico».

Duas Irmãsinhas dos Pobres nos fizeram a honra da sua visita, duas almas que vivem do bem que fazem aos pobresinhos; que atravessam as provincias do nosso Portugal, em procura da caridade christã, batendo ás portas dos grandes e dos pequenos, para... para que? para pedir com que sustentar uma casa de educação nas asperezas da Beira Alta, onde a creancinha desvalida tem o pão do corpo e do espirito, onde aprende a ser alguma cousa n'este seculo estupidalisado pelas ideias mais estupidas ainda que saem das proprias academias, e que o jornalismo e as empreias romanticas ministram em pequenas dozes, a dez réis.

As pobres Irmãsinhas, que teem a protecção dos venerandos Prelados de Lamego, a cuja diocese pertencem, dos de Braga, Porto e Vizeu, partiram para o Alto Minho. Recommendamol-as a todos os leitores do «Progresso Catholico» e pedimos para ellas toda a protecção. Breve fallaremos de tão util, tão civilisadora, tão christã instituição, não nos furtando já agora de agradecer a todas as pessoas a quem as recommendamos, a maneira como as receberam, mostrando assim os sentimentos catholicos que as animam.

Não deixaremos de agradecer tambem a um digno sacerdote, assignante do «Progresso Catholico», que, por acaso, encontramos na estação postal ao acompanharmos as nossas hospedas, que de bom grado se prestou a acompanhal-as não só até Braga, mas até á casa para onde as recommendamos n'aquella cidade.

No dia 16 de novembro passado realisou-se a inauguração solemne do novo seminario de Nossa Senhora do Rosario, no logar dos Carvalhos, perto do Porto.

A gloria de uma obra tão util e tão altamente civilisadora como são todas as obras catholicas, cabe ao Em.mo Sr Cardeal D. Americo, Bispo do Porto, a quem Portugal deve já bastante e a quem ficará credor do mais assignalado serviço que n'este seculo se tem feito á Egreja em Portugal; n'este seculo em que em nome da instrucção e da liberdade se derrocam os padrões de todas as nossas glorias, e com o fechar das portas das casas religiosas, se lançaram ao monturo da ignorancia, muitas vezes, intelligencias aproveitaveis e que se perdem, porque a instrucção hoje, no seculo das luzes, só está ao alcance unicamente das familias de grandes haveres. Por isso S. Em.a o Snr. D. Americo é digno de todos os elogios, merece os applausos de todas as pessoas de boa vontade, porque se abalançou a edificar, no tempo do universal arrasamento.

Oitenta e dois seminaristas internos e quarenta externos lá estão recebendo a instrucção catholica, e bemdizendo a mão que fez levantar aquelle edificio—*ninho de padres*, como dizem os sabios. O pessoal está assim composto:

«Vice-Reitor, o Rv. Dr. Manoel Moreira Aranha Furtado de Mendonça; Director Espiritual, o Rv. Monsenhor Luiz Rodrigues Vianna; Professor de Francez e Litteratura, Rv. Francisco da Conceição Pereira Cabral; de Latim 1.ª e 2.ª parte, Rv. Antonio José Gomes Cardoso; Portuguez 1.ª e 2.ª parte, e Geographia e Historia, Padre Antonio Manoel dos Ramos; Arithmetica 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª parte, Rv. Manoel Moreira da Silva Pontes; Philosophia, Rv. Adriano de Sousa Gomes; lendo-se ao mesmo tempo as provisões de Perfeito a favor dos dois ultimos professores.

N'isto mesmo foi feliz S. Emc.a e por isto mesmo repetimos os nossos parabens.

Findou a questão que ha muitos annos existia ácerca de S. Ex.a Rv.ma o Sr. Dr. Ayres de Gouveia. Fallou o Papa, creou-se mais um bispo, e nós todos os catholicos, só nos cumpre ajoelhar diante do Ex.mo e Rev.mo Snr. Bispo de Bethesaida, confirmado ha pouco por Sua Santidade Leão XIII.

A sagração do novo Bispo teve lugar no domingo 23 de novembro, na Sé Cathedral do Porto, sendo sagrante o Em.mo Snr. Cardeal D. Americo, e assistentes os Exc.mos e Rev.mos Snrs. Bispos, de Bragança e Coimbra.

Congratulamo-nos com o desenlace da questão, por ser de tanta gloria para a Egreja como honrosa para Sua Exc.a Rev.ma o Snr. D. Antonio Ayres de Gouveia, a quem felicitamos respeitosamente.

No proximo numero publicaremos a Pastoral de S. Exc.a Rev.ma.

Com grande prazer publicamos a seguinte carta, que agradecemos a quem tão bons sentimentos mostra em tempos de tanta descrença:

«Snr. Redactor—Se a nossa Santa Religião está soffrendo dos inimigos da Egreja uma guerra aberta e acintosa, é para nós da maior satisfação ver que por outro lado os verdadeiros crentes não cansam no seu empenho de pôr um dique á corrente devastadora do seculo!

Se a vinha do Senhor tem sentido córtes nas suas mais fundas raizes, não tenhamos medo que ella venha a seccar, porque felizmente lá temos por outro lado os verdadeiros obreiros trabalhando com todas as véras da sua alma e atacando de frente o mal que a ameaça! Fallo dos bons Parochos que, comprehendendo a santa missão de que estão revestidos, sabem chamar os Fieis á Oração, sabem persuadir com a sua vida, com a sua fé e com o seu exemplo, que só no seio da Religião Santa por excellencia, é que se encontra a verdadeira felicidade.

N'este caso está o Revd.º Parocho da freguezia de S. Gregorio Magno de Cabanas de Torres, d'este concelho d'Alemquer: S. Rev.ma vendo os progressos que tem feito por toda a

parte a magnifica obra do Apostolado da Oração, não quiz ser dos ultimos a inscrever-se — com todo o seu rebanho nas fileiras d'este Exercito, e portanto no domingo 16 do corrente quem fosse até á Egreja de S. Gregorio, nas faldas da serra do Monte Junto, veria que tudo alli era festa, que tudo era contentamento, que todo o povo da freguezia — e até de fora — lá estava em volta do bom Pastor, por ser este o dia escolhido para a primeira festa do Sagrado Coração de Jesus. A festa correu optimamente, para o que não deixou de concorrer o lindo dia que esteve e,é para notar que n'uma freguezia de pouco mais de 400 almas houvessem logo no dia da primeira festas duzentas e tantas confissões e communhões!

Foi o Revd.º Parocho Constancio de Figueiredo quem prégou sobre a festa de que se tratava e podemos dizer que o seu discurso satisfez plenamente e folgamos de ver que todos o escutaram com muita attenção.

Não desejando offender a modestia de S. Rev.ma não podemos deixar de dizer que toda a despeza correu por sua conta; pois, vendo que as esmolas dadas pelos associados eram poucas, não quiz que se lhe tocasse este anno, ficando para se juntarem ás do anno futuro. Pena é snr. redactor, que o exemplo d'este Parocho não seja seguido por muitos que eu conheço — e até cá do concelho — onde ainda não sabem que cousa seja o Apostolado da Oração!

Labrugeira, 20 de novembro de 1884. — *José da Cunha Abreu Peixoto*, (assignante do *Progresso Catholico.*)»

Dois missionarios capuchinhos e um sacerdote armenio catholico converteram em Orfa (Mesopotamia) tres mil armenios scismaticos, em vista do que, do grande progresso que em taes paragens vai tendo o Catholicismo, varias religiosas franciscanas estabeleceram alli uma casa de educação.

Para evitar estas *tratantadas* é que o governo portuguez não manda padres para as nossas possessões d'alem mar, embora o grande padroado da coroa se perca.

Nós cá estamos e estaremos sempre, em quanto Deus nosso Senhor nos der forças, para defender a Egreja, o Papa, os Bispos e o Clero em geral, ainda que pese a muitos *reverendos padres* que não tem tempo de ler o «Progresso Catholico». Seremos defensores dos Padres, o que é bem necessario, ainda que a muitos o não pareça, n'estes tempos que vão correndo, principalmente quando os jornaes estrangeiros nos dão noticias de que em Napoles acaba de fundar-se uma abominavel empreza, com o fim de enviar aos periodicos das diversas regiões do mundo telegrammas e cartas em que se deshonre o clero por todos os meios ainda os mais horrivelmente infames.

Emprezas como esta existem já em varias terras da Italia e de outros paizes.

Dizem os jornaes d Braga, (e de outras terras) que foi arrematada a obra do plyntho do monumento do Sameiro por 1:200$000 rs. Foi arrematante o snr. José Maria d'Araujo.

Esta noticia, quando outra utilidade não tivesse mais que a de mostrar aos devotos da Virgem do Sameiro, que a obra continuava, já era de uma importancia espantosa. Nós se tivessemos de fazer alguma obra d'estas tambem haviamos de annunciar tudo; porque o povo gosta d'estas noticias: n'estas cousas o segredo é a morte.

Vae tudo ás mil maravilhas, como é costume dizer-se. Por occasião do anniversario de 20 de setembro em Italia, provou-se mais uma vez que os revolucionarios são sempre e em toda a parte os mesmos.

N'esse dia em Caprona houve uma manifestação anti-catholica, caminhando os comparsas sob uma bandeira negra, em cujas dobras se admirava a figura de *Satanaz!*

Em S. Fructuoso, povoação perto de Genova, os revolucionarios passearam pelas ruas a bandeira de *Satanaz!* e uma estatua calcando a tiara e as chaves pontificias.

E não tem nada com a religião estes revolucionarios...

Verificou-se ha pouco uma peregrinação a Lourdes (vá esta para oppor á anterior) composta de oito mil pessoas, que assistiram a varias curas milagrosas, entre ellas a de um surdo-mudo e um paralytico. A cama em que este havia sido transportado á gruta, foi levada em triumpho por todos que presenceiaram o milagre.

Vá outra, que prova o proximo *fim* do catholicismo.

Em Vienna abjurou solemnemente os erros lutheranos e entrou no gremio da Egreja de Jesus Christo, o conde Batthyanyi, demasiadamente conhecido no mundo aristocratico da capital de Austria.

Na Dinamarca abjurou tambem o lutheranismo o barão de Scebach, que foi embaixador da Saxonia em Paris, no tempo de Napoleão III.

E, alem d'estas quantas conversões se realisam sem que d'ellas tenhamos noticia? Mas o catholicismo sempre *agonisante*.

O que nos vale é o cordão sanitario, tão habilmente estendido por terras fronteiriças. Não fosse elle, esse papão que ás *colerinas* põe medo, e nós teriamos em breve a mais horrivel das molestias,—as ordens religiosas, que, apesar da bastarda catholicidade do Snr. Pidal, se vão estabelecendo na terra de Isabel a Catholica.

Aquillo por Hespanha é um medo, um horror de frades e freiras, a travar o carro ovante da civilisação athea do seculo das luzes.

Em dia de Santa Thereza de Jesus a 15 de outubro do anno da graça de 1884,em Campomanes de Oviedo inaugurou-se solemnemente um convento de Carmelitas Descalças. Louvemos a Deus e enviemos ao Sr. Joaquim do «Conimbricense» um cartão de pesames, pela magua que uma tal noticia lhe hade causar.

Tem-nos faltado tempo e espaço para continuarmos com a publicação do *Boletim do Monumento a Pio IX, o Grande*, o que faremos nos proximos numeros.

J. de Freitas.

UM BRINDE AOS ASSIGNANTES DO -PROGRESSO CATHOLICO-

TAMBEM o *Progresso Catholico* vae offerecer um brinde aos seus illustres assignantes, e será um brinde digno não só de quem o offerece, mas tambem de quem o recebe. N'uma das melhores officinas de gravura estrangeiras foi encommendado o *cliché* de uma gravura cheia de belleza e inspiração christã, destinada aos leitores do *Progresso Catholico*. Terá o formato de duas paginas da nossa folha, e será steriotipada em papel superior, proprio para ser emmoldurado em quadro de magnifico effeito.

O pensamento do auctor, um dos mais laureados pintores, é d'uma belleza espantosa, e a fidelidade com que o buril do gravador o reproduziu, nada deixa a desejar. Representa o Anjo da Guarda, velando junto d'uma creança adormecida.

Este quadro será distribuido como brinde a todos os assignantes do *Progresso Catholico*, que, ao distribuir-se o n.º 6 do 7.º anno tiverem pago a importancia de suas assignaturas. Passado o dia 15 de janeiro proximo, proceder-se-á á tiragem do quadro, que será unicamente de tantos exemplares quantas forem as assignaturas pagas até essa data.